

# **A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO DE MAX WEBER: SANTIFICAÇÃO DA VIDA DENTRO DE ORDENS POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS**

*Lucas Cid GIGANTE<sup>1\*</sup>*

**RESUMO:** A Sociologia da Religião de Max Weber é um local indispensável para o estudo dos aspectos centrais de seu pensamento, voltados à compreensão da singularidade da civilização ocidental moderna. No entanto, o maior destaque se encontra na articulação entre filiação religiosa e estratificação social, pela qual Weber nos apresenta as religiões mundiais como espaços de santificação da vida cotidiana dos sujeitos dentro de ordens políticas, econômicas e sociais. Dando foco na esfera econômica, nossa análise nos remete para a eficácia da legitimação religiosa que distribui consentimentos sociais, associados à manipulação da conduta de vida, à construção da intimidade e aos interesses materiais e ideais dos sujeitos sociais, rompendo o circuito fechado de religiosidades e tendendo ao molde de visões sociais de mundo articuladas a épocas históricas, a partir de grupos e classes que delas se apoderaram para se sustentar mediante relações de dominação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Max Weber. Sociologia da religião. Legitimação. Consentimento social.

## **Apresentação: o lugar da Sociologia da Religião na obra de Weber**

Max Weber passou a ser reconhecido como pensador expoente da Sociologia Clássica por conceber a singularidade da civilização ocidental moderna como resultante da combinação de processos como racionalização, desencantamento do

---

\* UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Alfenas – MG – Brasil. 37130-000 – lucascidgigante@hotmail.com

mundo e secularização ou por diagnósticos de outros processos irreversíveis de grande abrangência, como a burocratização. Pouco conhecida é a circunstância de que grande parte destes temas, que marcam a singularidade de seu pensamento, está contida nos trabalhos de sua Sociologia da Religião. Isso rebate a ideia de que *Economia e Sociedade* seria sua obra fundamental. Além de obra póstuma, não ocupa o lugar mais importante no que se refere ao desenvolvimento das pesquisas sistemáticas de Weber; isso faz dos *Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião* e, dentro dele, a *Ética Econômica das Religiões Mundiais*, obras em destaque.

No Brasil, pesquisa importante sobre a Sociologia da Religião de Weber foi realizada por Antonio Flávio Pierucci, com sua tese de Livre Docência, que depois resultou no livro intitulado *O desencantamento do mundo. Todos os passos do conceito* (2003). Com ele aprendemos várias coisas sobre Weber. Em primeiro lugar, que estudar sua Sociologia da Religião não se resume à leitura da sessão de *Economia e Sociedade*, à qual Bourdieu (2009) sistematizou ainda mais em seu *A economia das trocas simbólicas*. Em segundo lugar, que grande parte da Sociologia histórica e comparada de Weber – e com ela os grandes temas que enfrentou – é também Sociologia da Religião<sup>1</sup>; interpretação equiparada à leitura de Bendix (1986), ao valorizar de forma superlativa a Sociologia da Religião Weberiana em seu *Max Weber – um perfil intelectual*. Por fim, realizou um estudo sistemático da obra de Weber a partir da busca do significado do conceito de desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*), ora significando **desmagificação** ora **perda de sentido**, quando não os dois simultaneamente.

Além de *Economia e sociedade*, estudamos a Sociologia da Religião de Weber nos *Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião* (*GARS – Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*) em três volumes, I (1920), II (1921) e III (1921). Além dos estudos mais conhecidos *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (em sua segunda versão, 1920) e *As seitas protestantes e o espírito do capitalismo*, que estão contidos no volume I, o restante dos três volumes é composto por estudos histórico comparados das religiões mundiais, intitulado *Ética econômica das religiões mundiais* (*Wirtschaftsethik der Weltreligionen*). Nestes, encontramos os estudos sobre a China e a Índia, *Confucionismo e Taoísmo e Hinduísmo e Budismo*, respectivamente, e o estudo sobre o Judaísmo antigo. Encontramos por fim, três ensaios teórico sistemáticos da maior importância: a *Introdução do autor* (*Vorbemerkung*); a *Introdução* (*Einleitung*) à *ética econômica das religiões mundiais*, conhecida em português pelo título *Psicologia social das religiões*

---

<sup>1</sup> O que também fica evidente a partir da biografia escrita por Marianne Weber, onde se conhece o grande interesse de Weber pelas religiões a partir da influência materna.

*mundiais* e a *Consideração intermediária* (*Zwischenbetrachtung*), conhecida pelo título *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*.<sup>2</sup>

Se somarmos a *Introdução*, a *Consideração intermediária*, a *Introdução do autor*<sup>3</sup> e a conferência *A ciência como vocação*, temos como produto o conhecido quarteto teórico de Weber. Essa produção reflete um plano de longo alcance que moveu em busca de uma teoria da singularidade da modernidade ocidental, desencadeada através de uma Sociologia histórica comparada, tendo como contraste o Oriente.

O que se destaca desta Sociologia? Tenbruck (1980) localiza os processos de racionalização ocidental e o histórico religioso de desencantamento do mundo como duas forças explicativas mobilizadas por Weber a ponto de constituírem um núcleo temático de sua obra, ao lado dos processos de secularização e de intelectualização, também explorados em vários momentos desta.

Por sua vez, Schluchter (1981, 1989, 1996), considerado o continuador da perspectiva teórica de Weber e até mesmo o seu sucessor intelectual, desenvolve investigações a respeito da história do racionalismo ocidental, classificando suas ocorrências e respectivas formas de conduta de vida, tendo como diapasão a culminância do processo na postura do racionalismo de dominação do mundo. Neste particular, concebe que a *Introdução*, a *Consideração intermediária* e a *Introdução do autor* fornecem uma perspectiva integrada da obra de Weber, sendo adequado o estudo conjunto destes textos, o que permite uma análise equilibrada entre a esfera material e a ideal, ênfases diversamente distribuídas na Sociologia da Religião de Max Weber, que, tomadas de forma isolada em algum destes momentos ou em *Economia e Sociedade*, podem resultar em uma aparência mecanicista, enquanto que a postura de orientação recíproca é a regra no pensamento do autor.

A junção destes processos de grande envergadura e duração histórica age como a combinação de fatores que singulariza o racionalismo ocidental, imprimindo sua universalidade. Weber o assinala no racionalismo da conduta de vida que caracteriza o capitalismo em bases racionais (século XVII em diante), sendo esta a característica destacada pelo autor para diferenciá-lo dos outros tipos de capitalismo existentes. A questão do racionalismo posteriormente foi levada adiante por Habermas, ao utilizar o conceito de domínio técnico instrumental, ou sua variante, a dominação técnico instrumental, que perfaz a modernidade capitalista, como padrão

---

<sup>2</sup> Alguns destes textos, dentre os quais a *Introdução* e a *Consideração intermediária* estão disponíveis na coletânea, em alemão, *Max Weber – Gesamtausgabe* (Tübingen: Mohr, 1989). Ambos estão publicados na coletânea de Max Weber, *Ensaio da Sociologia* (1989), respectivamente com os títulos: *Psicologia social das religiões mundiais* e *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*.

<sup>3</sup> Publicada como *Introdução à Ética protestante e o 'espírito' do capitalismo*, na versão da editora Pioneira (2003), seguindo a tradução de Parsons na edição norte americana.

de relações sociais que a operam. Esses princípios, ao agirem de forma eficaz no mundo empresa, pela valorização do cunho da administração sistemática e pela valorização do trabalho, também possuem o seu efeito no avanço irrefreável da burocracia, como forma de organização que melhor se adéqua ao capitalismo em expansão, princípio administrativo em avanço crescente.

Com o foco na conduta de vida, a Sociologia da Religião de Weber, principalmente na *Ética econômica das religiões mundiais (WEWR)*, traceja uma busca pela comparação entre as diversas éticas econômicas estimuladas pelos arranjos religiosos da vida, para, de forma comparada, medir a influencia do *ethos* religioso da Reforma Protestante sobre a mentalidade econômica capitalista (o grande foco), medindo a proporção que ocupa na indução desta ética, bem como na autolegitimação das classes médias burguesas, nesta fase de expansão do capitalismo associada à ideia de vocação profissional. Sua análise recorre a complexos históricos singulares, associados especificamente a cada uma das religiões mundiais, para também medir sua eficácia em imprimir determinadas formas de rendimento econômico, que são subjacentes às formações sociopolíticas que lhe estão pela base.

Esta já é uma importante contribuição de Weber à nossa época, como estudioso que nos ajuda a compreender nossa visão de mundo: o moinho de ideias em torno do conceito de vocação, associado à Reforma, glorifica o ascetismo pelo trabalho profissional. Esta ideia possui enorme capacidade adaptativa aos princípios de pensamento típicos das classes médias, que dependem de se classificarem em situações de mercado, bem como às linhas de ação da burguesia, que sempre renova sua visão de mundo empreendedorista como princípio de vida. No limite, é uma visão de mundo que foi se desenvolvendo junto com o capitalismo, e que ainda está aí, lhe acompanhando como uma atmosfera.

Portanto, o autor é indispensável para o estudo do tema da ideologia, resguardando a circunstância de que seu conceito de legitimação aponta para os cunhos interpretativos articulados na construção da visão social de mundo de indivíduos e classes, de forma a sustentá-los como pontos de vistas parciais que não estão articulados com a qualificação de falsidade, a falsa consciência que acompanha o tema da ideologia no referencial marxiano, e sim, apenas pela parcialidade.

A legitimação e os consentimentos sociais, para Weber, são potências histórico-efetivas, porque alimentam grandes linhas de relações sociais, contribuindo para o desenho das tramas da vida social. Embora neste artigo trabalhem com a dinâmica relacional entre ideias e interesses, este lado da questão é o que mais nos interessa.

Uma das maiores teses de Weber, a do desencantamento do mundo, é apresentada como ruptura com concepções magicizadas da vida religiosa, estas

que, noutros registros, colocaram-se como obstáculos e entraves à racionalização. Portanto, como fator histórico causal, o *ethos* religioso ora é avanço ora é obstáculo ao racionalismo da conduta econômica, favorecendo ou atrapalhado o surgimento do capitalismo de empresa.

Estes temas conduziram a vida intelectual de Max Weber e estão contidos, em sua maioria, em sua Sociologia da Religião. Isso destaca o lugar fundamental que esta ocupa em sua obra, ponto alto de investigação destes processos e das análises históricas mais pormenorizadas que realizou.

## A Sociologia da Religião de Max Weber: santificação da vida dentro de ordens políticas, econômicas e sociais

A exortação do apóstolo a ‘se assegurar’ no chamado recebido é **interpretada aqui**, portanto, como dever de conquistar na luta do dia-a-dia a certeza subjetiva da eleição e justificação. [...] disciplinam-se desta forma aqueles ‘santos’ autoconfiantes com os quais toparemos outra vez na figura dos comerciantes puritanos da época histórica do capitalismo, rijos como aço [...]. E, de outro, distingue-se o trabalho profissional sem descanso como o meio mais saliente para se conseguir essa autoconfiança. Ele, e somente ele, dissiparia a dúvida religiosa e daria a certeza do estado de graça. [...] Ora, em termos práticos isso significa que, no fim das contas, Deus ajuda a quem se ajuda, por conseguinte o calvinista, como também de vez em quando se diz, ‘cria’ ele mesmo sua bem aventurança eterna – em rigor o correto seria dizer: a certeza dela [...]. (WEBER, 2004, p.101 e p.105, grifo nosso).

A hipótese que impulsionou a busca destes macroprocessos nascera em 1904 e 1905, quando da publicação em duas partes da primeira versão da *Ética* (*Archiv*, vols. XX e XXI). Nesta, Weber tracejou a hipótese de que a visão social de mundo advinda da reforma, sobretudo a de Calvino, teria contribuído para a disseminação de um *ethos* em afinidade eletiva com o que chamou de espírito do capitalismo. As pesquisas subsequentes em Sociologia comparada das religiões revelaram outras medições entre os arranjos metafísicos e sua influência sobre suas respectivas bases econômicas e sociopolíticas. A ausência no Oriente de uma religião que tenha impulsionado a racionalização da conduta de vida em móveis éticos significou uma barreira para o estabelecimento do princípio da racionalização das ordens econômicas.

Neste particular, a Sociologia da Religião de Weber traceja uma articulação entre filiação religiosa e estratificação social, demonstrando como grupos e classes se apoderam destes sistemas de pensamento em afinidade com sua situação de vida, com o que almejam e projetam em termos de seus interesses ideais e materiais, articulando as esferas políticas, econômicas e sociais. Encontramos o desenvolvimento desta trama em *Economia e sociedade*, com ênfase maior no aspecto da materialidade dos interesses e na *Introdução*, com ênfase maior nas formas de apropriação religiosas.<sup>4</sup>

Sua característica investigativa sempre lança mão de uma análise histórica empírica dos aspectos políticos (disposições do poder e dominação legítima), da situação econômica (escassez, luta por interesses, condições e situações de classe) e das formas de estabelecimento de *status* social (sentimentos de dignidade, formação do caráter e prestígio) das camadas portadoras da religiosidade, o que define a forma de apropriação respectiva das ideias religiosas, situando bem chão a chão as metafísicas correspondentes e as direções com que são apropriadas pelos seus portadores (*Träger*).

É indispensável termos em mente que Weber sempre se encontra envolto pelo conceito de conduta de vida como dimensão articulada às imagens de mundo que os sujeitos constroem para orientarem sua ação de forma significativa, conexão de sentido que explica compreensivamente a ação humana. As imagens de mundo religiosas condicionam a construção de sentido para as ações de forma a **assentar grupos e classes no tipo de vida que sustentam e que representam como aquelas que devem seguir**. Portanto, podemos falar de uma mundanização dos interesses especificamente religiosos, sendo que seus constructos intelectuais estão voltados para o rendimento e eficácia na vida cotidiana.

Há, portanto, um imbricamento constante entre espiritualidade e materialidade, um dos contrastes mais fascinantes explorado por Weber, operado não apenas por formas de conduta de vida que protegem posições mundanas, como também pelo intermédio das formas de estabelecimento dos sentimentos de *status* social.

Uma de suas formas é a relação estabelecida entre destino e caráter, sempre presente nas metafísicas religiosas. Principalmente na apropriação e interpretação de suas ideias, estas são apresentadas promovendo a santificação da vida, que pode ser expressa numa equação do tipo: o caráter religiosamente virtuoso supera a provação e delinea o destino de bem-aventurança neste mundo, enquanto que o caráter religiosamente vicioso não supera a provação e delinea o destino de

---

<sup>4</sup> Neste artigo, privilegiamos o segundo ângulo de análise, destacando o papel das ideias religiosas como articulação simbólica que opera legitimações sociais eficientes em seus contextos, se adequando aos interesses. Nosso foco, por outro lado, está direcionado a adequação das ideias em relação à esfera econômica, deixando as esferas políticas e sociais em plano secundário.

danação neste mundo. Esta equação é recorrente nas análises do autor, numa contraposição entre virtude e vício enquanto forças delineadoras do caráter e da ação humana, compondo **teorias** da estratificação social, presente nas ideias religiosas.

Estas **teorias** geram sentido para as desigualdades de situação dos grupos sociais, classes ou castas, projetando-as por intermédio da visão do destino dos indivíduos no mundo social. Por outro lado, como sempre envolvem valores formadores do caráter, também constroem sentimentos de *status* social por parte de seus portadores, estando em jogo a santificação da vida social dos sujeitos, tendo em vista que a dimensão do *status* possui uma lógica própria, independente das esferas políticas e econômicas.

Esta projeção se complementa pelo seu espelho, o interesse especificamente religioso em torno do tipo de necessidade de redenção ou salvação projetada para o além vida. O interesse especificamente religioso nos direciona ao que é específico nesta atividade humana: qual a necessidade de redenção é prometida e qual é o seu custo em termos das disposições íntimas e de ação que são cobradas para tanto.

“De que” e “para que” o homem desejava ser libertado e, não esqueçamos, podia ser libertado, dependia da direção da imagem do mundo que ele tinha. Podia ser salvo da servidão política e social para um reino futuro e messiânico no aquém. Ou da profanação através do ritual impuro ou de um corpo sempre preso na impureza para a pureza de uma existência mental e espiritual preservada. Ou do jogo eterno e sem sentido das paixões humanas e desejar o sossego e paz da contemplação do divino. Ou de um mal radical e da servidão sob o pecado para a eterna bondade livre no seio de um deus paterno. Ou da escravização pensada sob o determinismo astrológico através das constelações estelares para a dignidade da liberdade e participação na essência da divindade oculta. Ou do sofrimento, miséria e morte, que se manifestam na limitação da finitude e do inferno ameaçador para a felicidade eterna em uma existência futura, terrena ou paradisíaca. Ou a partir do ciclo de renascimento com as suas recompensas inexoráveis provenientes das ações do tempo passado para o descanso eterno. Ou da perda de sentido das meditações e dos acontecimentos para o sono sem sonhos. Havia muito mais possibilidades. Atrás delas esteve sempre uma tomada de posição relacionada com alguma coisa do mundo real considerado como especificamente “sem sentido” e, deste modo, ficou implícita a exigência de que a ordem do mundo, em sua totalidade, poderia e deveria ser de alguma maneira um “cosmos” dotado de sentido. Este desejo, no entanto, produto essencial do verdadeiro racionalismo religioso, foi realizado pelas camadas intelectuais. Os caminhos e resultados desta necessidade metafísica e também a medida da sua

eficácia estiveram presentes de forma muito diferente. Ainda assim, podemos fazer alguns comentários gerais. (WEBER, 1989, p.101-102).

Por isso que o fundamental para Weber é a conduta de vida estimulada como desdobramento das necessidades acima expostas, forma de agir no mundo suscitada pelas necessidades salvíficas que lhe estão na raiz. No entanto, é a promessa salvífica que concentra as energias que alimentam os consentimentos sociais presentes nestes sistemas de ideias, pois aqui entra em cena um trabalho interpretativo que visa selecionar o tipo de conduta social inerente ao tipo de destino requerido para a vida, no aquém e no além. Neste momento, os enraizamentos históricos das disposições materiais determinam o desenvolvimento das linhas de ação. Como coloca Bourdieu (2009, p.86, grifo nosso):

Pode-se falar de interesses propriamente religiosos [...] quando [...], pelo menos em determinadas classes, surge uma demanda propriamente ideológica, isto é, a espera de uma mensagem sistemática capaz de dar sentido unitário à vida, propondo a seus destinatários privilegiados uma visão coerente do mundo e da existência humana, e dando-lhes os meios de realizar a integração sistemática de sua conduta cotidiana. Portanto, capaz de lhes fornecer **justificativas de existir tal como existem, isto é, em uma determinada posição social.**

É assim que Weber apresenta a Reforma de Calvino como justificativa dos ‘santos autoconfiantes’ que conferiram a si mesmos a responsabilidade pelo sucesso econômico, interpretação que associa a Reforma como moíno histórico de produção do sentimento de merecimento da própria sorte, indispensável para o princípio análogo da meritocracia. A conduta de vida inerente é a da dominação racional do mundo (*Weltbeherrschung*), consequência da negação do mundo (*Weltverneinung*), impulso à ação ativa de sua transformação. As ações de transformação **são interpretadas** como aquelas associadas ao enriquecimento, ao sucesso individual, à empresa racional, ao sucesso vocacional e profissional, enfim, às chances de obtenção de sucesso dentre as possibilidades de mercado e à conquista das ordens mundanas da economia e da política. Imagens de mundo que desencadeiam ideias e sentimentos das camadas médias e da burguesia nascente, que se assenta sobre a materialidade de classe aquisitiva.

Noutra via o Confucionismo é apresentado como conjunto de regras de etiqueta circunscrito ao grupo de *status* dos intelectuais mandarins chineses, camada social abastada que propagou a si mesma a ética de adaptação ao mundo (*Weltanpassung*), de respeito às ordens burocráticas do Estado, de culto aos antepassados, da saturação da alma com as tradições litúrgicas que proporcionam um



cultivo do ser qualitativo interior como especial e diferenciado, afastado e elevado em relação às outras camadas sociais. O Confucionismo promove a alimentação do *status* social destas camadas privilegiadas, que se educam com pretensão de ocuparem os cargos mais importantes do funcionalismo público.

Aqui é perceptível o contraste entre a burguesia europeia que quis dominar as ordens econômicas em nome da sinalização de sua bem aventurança, como instrumento de um Deus ultramundano, ideias bem conectadas com sua situação de mercado, e os confucianos pretendentes a cargos públicos, em nome da santidade da tradição, do convencionalismo e da subordinação. Enquanto a primeira favorece a eticização, a segunda favorece o convencionalismo, cada qual articulada ao tipo de vida que os sujeitos sociais quiseram proteger, por aceitar viver segundo sua lógica.

Com a “fuga-do-mundo” (*Weltflucht*) que caracteriza as religiões asiáticas como o Hinduísmo, há uma centralização na mística enquanto uma busca de repouso no divino e uma ausência do agir no mundo, por meio de uma contemplação que elimina os interesses cotidianos, daí o significado de fuga absoluta e contemplativa do mundo. A persistência da tradição e da ordem estamental, afirma Weber (1999, p.355), está presente na “supradivindade da ordem eterna do mundo”, da qual a própria ordem de castas faz parte.

Aqui Weber explora o contraste entre fuga do mundo (ideias que agem como obstáculos ao racionalismo ocidental moderno) com a ação no mundo operada pela eticização inerente à Reforma, que se articula ao ascetismo intramundano, para afirmá-los como impulsos espirituais e metafísicos para esta racionalização tão afim à Modernidade e ao capitalismo. A importância econômica disso pode ser estudada na obra *História geral da economia*<sup>5</sup>.

Falando em ascese, Weber explora o contraste entre suas várias formas. Waisbort (2000) estabeleceu algumas considerações, partindo do fato de que a ascese é uma consequência da rejeição e da negação do mundo. Pode ser uma ascese ativa ou passiva. A ascese ativa está implicada na ascese vocacional/profissional (*Berufsaskese*) e na ascese racional intramundana (*innerweltliche rationale Askese*), conceitos que Weber forjou para a apreensão histórica da Reforma Protestante, sobretudo a de Calvino. A ascese passiva corporifica-se na ascese monacal ativa (*aktive Mönchsaskese*), que evita o agir no mundo e que se volta para uma ascese racional extramundana (*ausserweltliche rationale Askese*), conceitos que Weber aproxima à conduta de vida do Catolicismo, como uma moral de alheamento ao mundo.

---

<sup>5</sup> Esta obra resulta de anotações de alunos de Weber, ao assistir suas aulas, combinadas com as anotações e esquemas que ele mesmo preparou para as aulas.

Noutra importante via de acesso à Sociologia da Religião de Weber, encontramos a articulação das religiões mundiais como instâncias que se constroem em conexão com a intimidade humana, a partir do conteúdo e direção dos sentimentos de dignidade, que direcionam a construção do *status* social e, como tais, reforçam as linhas de ação dos sujeitos, gerando perspectivas de continuidade no futuro:

As camadas firmemente estabelecidas em posses, honra e poder sociais geralmente cultivam a sua lenda estamental na direção de uma qualidade especial delas inerente, numa semelhança ao sangue: seu sentimento de dignidade se forma dessa existência, real ou pretensa. O sentimento de dignidade das camadas socialmente recalçadas ou dos estamentos valorizados negativamente (ou, certamente, não positivamente), em comparação, se alimenta mais facilmente da crença de que uma “missão” especial lhes foi confiada: seu dever garante o seu rendimento funcional ou constitui seu valor característico, a fim de que se desloque, então, esse valor, para o outro mundo, para uma “tarefa” que lhes foi confiada por Deus. Uma das fontes do poder ideal das profecias éticas entre as camadas socialmente menos favorecidas está situado nesse estado de coisas, afastando a necessidade do ressentimento como alavanca. O interesse racional nas compensações materiais e ideais, como tal, foi perfeitamente suficiente. (WEBER, 1989, p.96-97).

Isso reforça as ações no presente e as expectativas dos sujeitos em termos de seu futuro numa dada sociedade; o que se faz ao lado da pretensão de justificação de sua posição econômica (interesses materiais); ao lado da oferta de um caminho seguro de como se conduzir na vida de acordo com determinadas imagens de mundo (interesses ideais e aspirações); por fim, conduz à construção do *status* social, dignidade como uma das formas de reconhecimento entre determinados círculos. Em resumo, as religiões operam, sob lógica própria<sup>6</sup>, uma espécie de **santificação da vida dentro de ordens políticas, econômicas e sociais**, no interior de situações históricas de indivíduos, grupos e classes, articulando ideias e interesses materiais e ideais<sup>7</sup>.

Esta santificação nada mais é do que um impulso dos sujeitos coletivos, definido pela pretensão de legitimar determinadas formas de existência social, dando-lhe um ancoradouro simbólico que se sustenta pela segurança que os

---

<sup>6</sup> Que é composta por problemas como a teodicéia da fortuna, assim como pela relação entre destino e caráter, termos próprios de tais metafísicas. Para a relação entre destino e caráter na obra de Weber, ver Cohn (1979).

<sup>7</sup> Tema desenvolvido em nossa tese de doutorado: As ideias: ‘asas espirituais’ do interesse (2010), sob orientação do prof. Marco Aurélio Nogueira.

sujeitos adquirem de estar vivendo **suas vidas**, como se estas lhe apresentassem como um curso natural, e até mesmo modelar, ou seja, como um caminho que desponta nas representações sociais como o correto. O consentimento social se apresenta como um princípio de pensamento, articulado ao tipo de vida inerente, visão social de mundo dos sujeitos. Como bem colocou Mannheim (1968, p.31, grifo nosso), trata-se do:

[...] pensamento concreto de uma situação histórico-social, de onde só muito gradativamente emerge o pensamento individualmente diferenciado. Assim, quem pensa não são os homens em geral, nem tampouco indivíduos isolados, mas **os homens em certos grupos que tenham desenvolvido um estilo de pensamento particular** em uma interminável série de respostas a certas situações típicas características de sua posição comum.

Este aporte na Sociologia do Conhecimento nos permite observar o que é fundamental em Weber: a Sociologia Compreensiva busca a compreensão das representações que os sujeitos constroem ao manterem grandes linhas de relações sociais, para daí lhe explicar os efeitos historicamente significativos; tais linhas de relações sociais, uma vez articuladas, prefiguram situações historicamente específicas e ao mesmo tempo universais.

Este foco nas representações sociais inerentes à ação condiciona a forma como os grupos sociais se apoderam da religião (Weber fala em situação de classe e em castas sociais). Esta apropriação é possível a partir da interpretação que constrói um sentido, proveniente de uma necessidade íntima, ou seja, as necessidades da vida fornecem os elementos que completam o sentido das metafísicas religiosas, enquanto o sistema conceitual das religiões confisca as vivências e direciona a conduta de vida e os sistemas éticos, impulsionando determinadas práticas.

A interpretação constrói um sentido porque este não é dado de antemão, completa uma lacuna e o faz a partir das experiências e vivências, com suas cargas respectivas em torno do que os sujeitos almejam e do que eles buscam. Este trabalho parte do pressuposto de que a:

[...] compreensão tem de poder ser referida à experiência; e, para tanto, ela precisa de uma elaboração lógica o suficiente para o que nela foi concebido possa ser descrito por meio de regras da experiência, isto é, para que o interpretado compreensivelmente seja constituído pela possibilidade objetiva de ser comprovável mediante regras que apreendam o que pode ser dado numa experiência. (SÊNEDA, 2004, p.37).

Operando a mesma lógica, para cumprir o papel no que se refere a orientar a conduta de vida, a metafísica religiosa tem que se alimentar da experiência de seus portadores e fornecer um sentido que se nutre e se completa a partir desta experiência. Isso é possível mediante **elaboração lógica o suficiente para o que nela foi concebido** possa ser comprovado no repertório de ação de seus portadores, dentro das exigências práticas de sua vida, de suas necessidades e interesses. Somente assim o que é **interpretado compreensivamente**, mediante uma adequação da metafísica com o mundo da vida, pode fornecer os trilhos conceituais que confiscam vivências e as colocam num novo patamar de significação.

Se tal elaboração não for suficientemente precisa, entra em cena o trabalho de interpretação, como aquele que indica conteúdos que se adéquam a certas situações, tapando lacunas e construindo sua apropriação. O sistema de pensamento se articula segundo princípios de coerência racional e sistemática de ideias, é integrado sistematicamente, com suas ênfases interpretativas, inclusive, para lembramos Mannheim.

Consequentemente, a conduta de vida ganha um impulso proveniente das respostas obtidas para duas perguntas **existenciais** que possuem estreita conexão com o consentimento que amarra os humanos à vida que vivem: “o que se deve fazer” e “como se deve viver”. Este nos parece ser o cerne da atitude intelectual de legitimação inerente a este processo de santificação da vida cotidiana, através do qual “[...] a interpretação reelabora conscientemente a base de evidência para retirar do contínuo empírico os dados que deverão compor o momento da explicação.” (SÊNEDA, 2004, p.34). Ou seja: no âmbito religioso, a interpretação “reelabora conscientemente a base” da metafísica para “retirar” do mundo da vida de seus portadores “os dados que deverão compor” o momento da legitimação de sua conduta de vida.

## Considerações finais: o problema da legitimação na sustentação dos arranjos societários

Estas considerações estão assentadas sobre o problema da legitimação como resposta teórica às razões de continuidade das ordens sociais. Qual a razão da persistência daquilo que Weber denominou complexos de dominação legítima, que revelam o traçado de grandes linhas de relações sociais? A resposta está contida na possibilidade de elaboração de um conjunto de legitimações eficientes em seus contextos, em momentos **historicamente específicos em que as ideias determinaram o curso das dinâmicas sociais**. Weber sempre promove uma

dinâmica relacional entre estas esferas, devendo ser reconhecido por uma ênfase equilibrada entre idealismo e materialismo:

Não as ideias, mas os interesses (materiais e ideais) é que dominam diretamente a ação dos homens. O mais das vezes, as ‘imagens de mundo’ criadas pelas ‘ideias’ **determinaram**, feito manobristas de linha de trem, os trilhos nos quais a ação se vê empurrada pela dinâmica dos interesses. (WEBER, 1989, p.101, grifo nosso).

No entanto, para além dos momentos historicamente dados, as ordens sociais, para serem duradouras, necessitam do momento de sua justificação interna (*innere Rechtfertigung*), em que o conteúdo de sentido das relações sociais, ao ser atravessado pelas esferas políticas, econômicas e religiosas, distribui consentimentos sociais sustentados internamente (*innerlich gestützt*). Isso não seria possível sem a presença de determinadas crenças e sem o movimento das idealizações que os sujeitos operam, referidas ao universo político, social e econômico. A religião é apenas uma destas fontes, talvez não a principal, porém seguramente a que bem se associa por proporcionar confortos à intimidade humana.

É preciso considerar que:

O ponto de vista weberiano é subjetivo, isto é, parte do comportamento do sujeito legitimante em relação ao poder a ser legitimado, isto é, parte de uma crença, seja ela a crença na validade daquilo que é racional (segundo o valor ou segundo o objetivo) na força da tradição, ou na virtude do carisma. (BOBBIO, 2000, p.144).

Os sujeitos se colocam como forças legitimantes do poder que requer tal legitimidade. Em tal caso, trata-se, por um lado, de linhas diretas de dominação, poder e luta que sustentam os aparatos políticos e econômicos, tornando-os efetivos porque legítimos e, por outro lado, de uma relação legitimante indireta, mais sutil, que sanciona determinadas formas de se conduzir na vida, representadas como corretas. Neste segundo caso, trata-se do consentimento social embutido em brandes linhas de relações sociais, através da qual a eticização se transforma em sua força legitimante.

As ideias religiosas distribuem consentimentos porque **amarram indivíduos e grupos à vida que eles representam como aquela que devem viver**. Esse é precisamente o ponto de força dessa legitimação, o que só existe no esquema weberiano a partir da importância fundamental da conduta de vida, impulsionada pelas representações inerentes à ação, conexão de sentido através da qual o conceito de conduta de vida ganha relevo, como baliza ética da existência.

O problema fundamental é a circunstância de que estes conjuntos ideativos **rompem os circuitos fechados nos quais surgem**<sup>8</sup> – metafísicas religiosas – **tendendo a entrar em afinidade com visões sociais de mundo inerentes a indivíduos e classes historicamente dados**, na medida em que estes produzem pensamento elaborado, apoderado e reapropriado sob lógicas análogas e diversas para se sustentar mediante relações de dominação e exploração.

A meritocracia e a exaltação do desempenho do indivíduo, como legitimações, possuem enorme correspondência lógica com a reforma de Calvino; nosso *ethos* deve muito a esta reciprocidade de lógicas de pensamento.

Como visão de mundo que exalta o mérito individual, a teodiceia da fortuna se encaixa muito bem à nossa época, rompendo o circuito religioso e entrando em afinidade eletiva com princípios de pensamento da modernidade capitalista, ao exaltar o desempenho do indivíduo como dimensão fundamental para seu sucesso ou fracasso:

O afortunado raramente se satisfaz meramente com o fato da posse de fortuna. Necessita, além disso, ter direito à fortuna. Deseja ser convencido também de que a “merece”; especialmente, de que a merece em comparação com os outros. E deseja, além disso, poder acreditar que os menos afortunados, por meio da não posse, assemelham-se em fortuna e, do mesmo modo, também estão realizando o seu papel. A fortuna deseja ser “legitimada”. Se a expressão geral “fortuna” cobrir todo o bem demarcado pela honra, poder, posses e satisfação, é a forma mais geral a serviço da legitimação que a religião teve para manifestar os interesses externos e íntimos de todos os dominantes, possuidores, vitoriosos e sadios: realizar a teodicéia da fortuna para os afortunados. Essa teodicéia está ancorada em fortes necessidades (“farisaicas”) do homem e, portanto, é facilmente compreendida, mesmo que não se atente bem, com frequência, para os seus efeitos. (WEBER, 1989, p.89-90).

Até aqui, a Sociologia da Religião de Weber nos remete para a permanência das grandes linhas de relações sociais, por meio da sustentação interna do poder e da dominação, definida pela crença em sua legitimidade.

---

<sup>8</sup> Historicamente decisiva em alguns momentos históricos, por direcionar a dinâmica dos interesses que materializa as ideias, a legitimação religiosa rompe este circuito e se associa a tendências de pensamento dos grupos sociais, passando a configurar uma legitimação de quarto nível, a dos universos simbólicos, aquela que dá sentido à vida cotidiana, através da qual “[...] a sociedade inteira e toda a biografia do indivíduo são vistas como acontecimentos que se passam dentro deste universo.” (BERGER; LUCKMANN, 1997, p.127).

A força das grandes linhas de relações sociais estabelecidas pelas formas de legitimação coloca-se como uma explicação para a permanência histórica de arranjos societários. Esta perspectiva torna-se reforçada quando analisamos a questão da transformação social, segundo a perspectiva weberiana. Qual é sua concepção de transformação social? Para ele, “[...] a transformação ocorre quando desaparece nos sujeitos a crença na legitimidade do poder ao qual devem obedecer, o carisma enfraquece, a tradição se apaga, a lei se torna uma forma vazia de conteúdo.” (BOBBIO, 2000, p.146). Ou seja: a transformação ocorre com a crise das crenças legitimantes, promovendo a recomposição de grandes linhas de relações sociais. Não se trata de uma ótica idealista descolada de sujeitos e separada do nível das relações objetivas, mas, ao contrário, da possibilidade de ativação destas para a conservação ou a transformação social.

A manutenção das grandes linhas de relações sociais é sinal de que estes níveis de transformação não se efetivam, continuam potência adormecida, “potência genérica, imprecisa, virtual demais” (NOGUEIRA, 2008, p.13). E por que não se efetivam, segundo essa linha de pensamento? Pelos conteúdos ideativos que são mantidos na vida cotidiana, afinal também é preciso partilhar certas crenças e agir segundo elas para que as linhas de relações sociais que dão forma às ordens sociais persistam em seu curso. Quando as crenças se enraízam na intimidade das pessoas, lhes possibilitando respostas sobre como devem viver a vida, resultam numa visão de mundo inamovível. Este é o cerne da legitimação e o nosso mundo está carregado de legitimação para continuar seguindo seus trilhos. O resto, de não menor alcance e importância, é com a face coativa do poder e das circunstâncias materiais, os meios externos da dominação<sup>9</sup>.

### ***MAX WEBER’S SOCIOLOGY OF RELIGION: SANCTIFICATION OF LIFE WITHIN POLITICAL, ECONOMIC AND SOCIAL ORDERS***

***ABSTRACT:*** *The Sociology of Religion by Max Weber is an indispensable place for the study of the central aspects of his thought, aimed at understanding the singularity of modern Western civilization. However, the greatest emphasis is on the relationship between religious affiliation and social stratification, in which Weber presents the world religions as spaces sanctification of daily life of individuals inside political, economic and social orders. Focusing on the economic sphere, our analysis leads to the efficacy of the religious legitimacy, which distributes social consents, associated*

---

<sup>9</sup> De forma sintética, este parágrafo expõe uma das conclusões mais importantes de nossa tese de doutorado (GIGANTE, 2010).

*to the manipulation of the conduct of life, to the construction of intimacy and to the interests of material and ideal of social subjects, breaching the closed circuit of religiosities and tending to the mold of social views of the world, articulated to historical ages, from classes and groups that have been held to stand the relations of domination.*

**KEYWORDS:** Max Weber. Sociology of religion. Legitimation. Social consent.

## Referências

- BENDIX, R. **Max Weber**: um perfil intelectual. Brasília: Ed. da UnB, 1986.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de Sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOBBIO, N. **Teoria geral política**: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- BOURDIEU, P. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. In: MICELI, S. (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p.27-78.
- COHN, G. **Crítica e resignação**: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo: T. A. Queirós, 1979.
- GIGANTE, L. C. **As ideias**: ‘asas espirituais’ do interesse: um estudo da Sociologia Política de Max Weber. 2010. 210pf. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.
- MANNHEIM, K. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- NOGUEIRA, M. A. **Potência, limites e seduções do poder**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2008.
- PIERUCCI, A. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: 34, 2003.
- SÊNEDA, M. C. **O problema da evidência e da validade nas ciências empíricas da ação**. 2004. 337f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- SCHLUCHTER, W. **Paradox of modernity**: culture and conduct in the theory of Max Weber. Stanford: Stanford University Press, 1996.



\_\_\_\_\_. **Rationalism, religion and domination:** a weberian perspective. Berkeley: University of California Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **The rise of western rationalism.** Berkeley: University of California Press, 1981.

TENBRUCK, F. H. The problem of thematic unity in the works of Max Weber. In: HAMILTON, P. (Org.). **Max Weber:** critical assessments 1. London: Routledge, 1980. p.232-264. v.1.

WAIZBORT, L. Max Weber e Dostoievski: literatura russa e sociologia das religiões. In: SOUZA, J. (Org.). **A atualidade em Max Weber.** Brasília: Ed. da UnB, 2000. p.283-305.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. da UnB, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ensaios de Sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

Recebido em 10/08/2012

Aprovado em 12/12/2012

